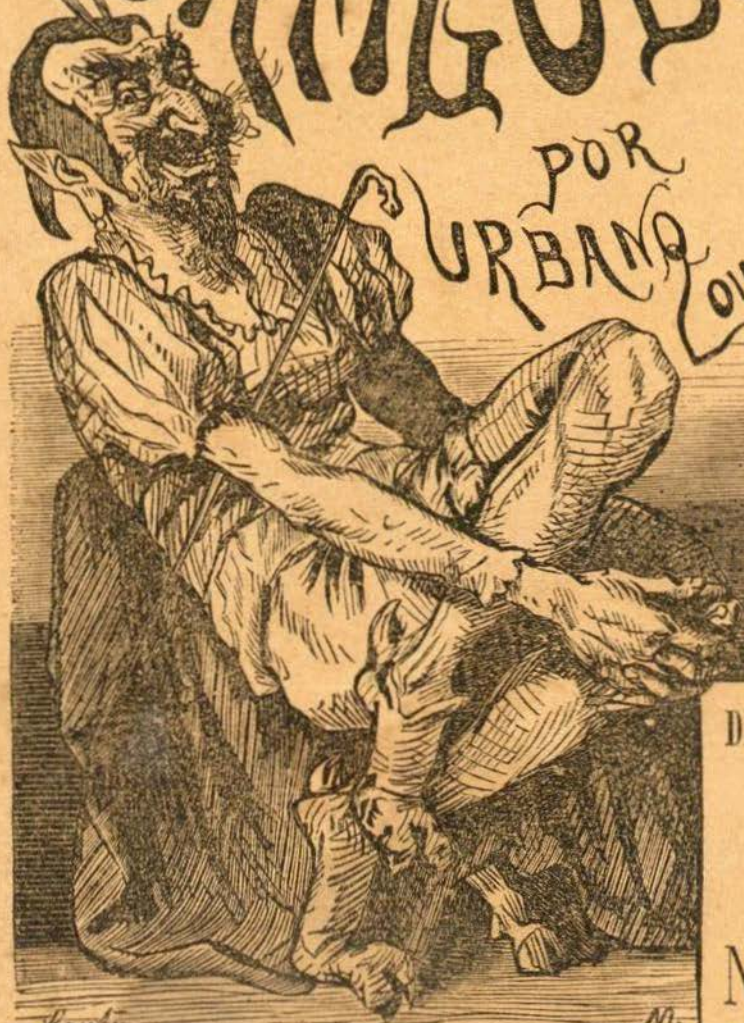


*Com o Livro Barboza ou
Vento de Castello*

VORTIGÕES

POR
URBANO
LOUREIRO



DEZEMBRO
DE
1876
—
N.º 3

Santa

M



URBANO LOUREIRO

ORTIGÕES

CHRONICA DO MEZ — PERFIS DIVERSOS
—SATYRAS DA ACTUALIDADE

N.º 3

DEZEMBRO DE 1876

PORTO
LIVRARIA CIVILISAÇÃO DE EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR
8 — Santo Ildefonso — 10

1876

La satire, comme la conscience, nous rapelle
ce que souvent nous voudrions oublier.

Madame de Blessington.

SUMMARIO

DOIS ASSASSINOS E UM PAR.—Os agraciados Antonio da Costa e Barjona de Freitas.—Este ultimo fóra da discussão.—Mata-se ou não se mata?—Trêdos conselhos da opposição.—As pontas do dilemma.—O snr. Fontes *tactico e tenico*.—A maré do carvoeiro.—Pirraça.—Dialogo entre o poder moderador e o presidente de ministros. Consta...—Magnanimidade de s. ex.^a para com os seus adversarios.—Erra para lhes ser agradavel.—Pede-se á opposição que o procure.—O «HIGH-LIFE» HUMANITARIO...—As innundações—Heroismo e abnegação.—Esquecimento da chronica, e lembrança da mesma—O snr. D. Luiz I, pai dos afflictos.—Porque se não falla dos outros.—O *high-life* humanitario.—OS LAÇOS INDISSOLUVEIS.—União de reformistas e historicos.—Parenthesis a proposito de laços indissolueis.—Amaram-se.—Tiveram o primeiro arrufo.—Testilharam.—Elle bateu n'ella.—Ella bateu n'elle.—Bateram-se.—Traetaram do divorcio.—Sentença.—Fecha o parenthesis e deseja-se uma eternidade conjugal aos noivos.—QUEM ERA D. BALDOMERA.—Mystificação dos nossos visinhos.—Não é mulher, é nação.—fundos da Hespanha e de D. Baldomera.—Fallencia d'uma e fuga da outra.—Uma quer metter a outra na cadêa. Exquisito!—RECLAMOS THEATRAES.—Venham! Corram! Olhem que se acaba!—Excellent! Magnifico! Portentoso!—E os theatros vazios!—ADVOGADOS-ALCIDES.—Disposição

da scena — Palavra tira palavra. — O juiz chama á ordem. — Tornam á mesma. — Discurso d'um e sóco do outro. — O réu, accusado de desordeiro, aparta a desordem. — Alvitre para futuros conflictos. — CAMAPHEUS: *III.-O incognito.* — O imperador do Pangaio. — Como foi reconhecido. — Conseguêdisfarçar-se. O dr. Fausto. — VESPAS. — *O snr. Araujo, camarista, e os americanos do Porto.* — *Não subimos nós, mas descem elles.* — *Eu como, tu comes . . .* — *Os barbaros portugueses.* — *Um cavalleiro . . . por equivoco!* — *Ao director d'um banco . . .* — *Um ladrão acclamado.* — *Ah! ah! e eh! eh!* — *Coisas maravilhosas da Agua Circadiana.* — *Horror aos crédores.* — *Novas idéas bellicas do snr. ministro da guerra.* — *A Hespanha degenera.*

DOIS ASSASSINOS E UM PAR.

Dois factos estupendos, politicamente fallando, commemorou a imprensa periodica n'um só dia, d'uma só assentada, achando n'elles corda para o seu rame-rão de todo o mez corrente.

Foram a commutação da pena de morte a que estava condemnado um assassino, graças á magnanimidade do monarcha, e a nomeação

do snr. Barjona par do reino, pelo mesmo grandioso motivo.

Sahiram ambos de embrulhada, o snr. Barjona e o assassino na folha official, e comtudo, força é confessar, o assassino eclipsou o nobre ex-ministro das justiça, tendo as honras da ordem do dia,—o que tambem não admira, porque s. exc.^a está já fóra de toda a discussão ; e, como é bem de suppor, em presença d'isto, como o teria feito em presença do contrario, a opposição ergueu altos brados clamorosos.

. . .

Eis a cousa em duas palavras :

Antonio da Costa, soldado, varou com uma bala um seu camarada, cabo ou anspeçada do seu regimento, deixando-o redondamente morto.

Foi julgado, e em presença do codigo de justiça militar, condemnado á morte.

Lida a sentença em pleno tribunal, foi o reu recolhido a um castello velho e aguardou ahi o epilogo do drama, cujo primeiro acto havia escripto com o sangue d'um seu companheiro d'armas.

N'este ponto a imprensa d'oposição deitou pathetico, fallou na inviolabilidade da vida humana, nos remorsos da victima dos instinctos sanguinarios do auctor do codigo, o snr. ministro da guerra, e pediu ao poder moderador a sua interferencia obstando á execução d'aquelle premeditado assassinio.

Esta idéa, mascarada de um bello verniz humanitario, escondia no fundo um chèque ao ministro presidente; pois que, tendo s. exc.^a protestado regenerar a disciplina pelo seu codigo, as imposições d'elle começavam desde já a ser revogadas no que tinham de mais salvador para o exercito, o fuzilamento.

Ergò—chèque.

Mas como o poder moderador se demorasse um pouco em segundar os humanitarios desejos da opposição, visto andar muito occupado em exercitar-se no tiro aos pombos, esta mudou de systema. Desenhou o infeliz Costa n'um carcere infecto, passando fomes e sem ir á missa ¹, n'uma ancia constante, immensa, indescriptivel como a d'aquelle eterno moribundo das figuras de cera, e começou então a pedir para elle, o quê?—um quarto confortavel, um tractamento restaurador, duas missas dia-

¹ Historico.

rias? — Não tanto; apenas meia duzia de tiros d'espingarda — por uma só vez.

— Por quem são — exclamava ella, a imprensa opposicionista, — não façam mais soffrer aquelle espectro de homem! Está condemnado a ser fuzilado? Fuzilem-n'o, mas quanto antes!

O machiavelismo do conselho era transparente.

Depois de se lhe haver feito a vontade, o governo, e talvez mesmo o poder *irresponsavel* seriam apontados como sedentos de sangue humano, como cúmplices d'um assassinato, como barbaros executores d'uma lei barbara, — e a opposição passearia o cadaver do facinora nas columnas dos seus jornaes tarjados de luto, e expol-o-hiam como um *ecce homo* á turba nos seus *meetings*, e aconselharia a população a fechar as suas portas, e despertaria a indignação nas massas, e levantaria protestos energicos, e provocaria manifestações ruidosas, e . . .

O snr. presidente de ministros já cahiu deante d'uma manifestação popular de menor importancia.

Indè—chèque.

Mas o snr. Fontes, que, no dizer d'um esteio da situação, é *tactico* e *tenico*, deixou An-

tonio da Costa a aboborar na prisão, á espera de *maré* para se sahir galhardamente das encospias, e entregou-se a debellar crises preparando outras.

A *maré* não se fez esperar muito.

Choveu torrencialmente em todo Portugal; no meio da mais desabrida tempestade, as levadas destruíram os moinhos, arrancaram as arvores, esterilizaram as fazendas; os regatos, transformados em rios caudalosos, inundaram as povoações, invadiram os predios, arrastaram na sua corrente os gados; de toda a parte chegavam noticias luctuosas de desgraças recentes, de toda a parte se erguiam clamores; a attenção pública estava presa de tão estranho espectáculo.

Bem! era chegada a *maré* — do carvoeiro.

Como o grande marquez de Pombal, s. exc.^a o snr. Fontes não perdera a serenidade de espirito no meio de tamanha calamidade. Convocou a toda a pressa conselho d'estado, e em seguida correu ao paço, pensando na *pirraça*¹, que ia fazer á opposição, e apresentou a el-rei o

¹ Historico.

decreto da commutação de pena ao soldado Antonio da Costa e a outro pobre diabo de assassino. O snr. D. Luiz, no uso da sua mais sympathica prerogativa de soberano constitucional, pegou da penna e assignou. Um rei constitucional assigna sempre.

— Só isto, presidente? — consta que perguntou o monarcha de boa sombra.

— Se V. M. quizesse — consta que se apresou a dizer Antonio Maria — trazia aqui na pasta um outro decreto . . .

— De commutação de pena para mais algum assassino? — consta que interrompeu el-rei.

— Não, Real Magestade — consta que re-darguira o nobre ministro.

— Então de quê, presidente? — consta que o interrogou de novo o munificente monarcha.

— Da nomeação do Barjona para par do reino . . . Já que V. M. está com a mão na massa! . . . — consta que replicou o nobre presidente.

E com a mesma penna e a mesma tinta com que salvou da morte a dois assassinos, consta que S. M. fez um par do reino!

S. ex.^a o snr. Fontes sahiu do paço aos pulos de contente.

Cada vez lhe parecera mais luminoso o pensamento de aproveitar a cheia para a publicação dos dois decretos, que, quando chegassem a despertar a attenção publica, já estariam frios.

E acertou. Que diplomata !

. . .

Como facilmente era de prever, as folhas da opposição, que pareciam prestar o maximo interesse aos successos da cheia por não terem assumpto politico a discutir, lançaram-se famintas, devoradoras, sobre o decreto das commutações de pena e da nomeação barjonacea, e pozeram-n'o em farripas. Segundo os mencionados papeis, o governo devia ter pousado as suas pastas no momento em que o rei tivesse assignado o documento relativo aos dois soldados condemnados á pena ultima.

Porque ?

Por isto : — porque o governo devia ter apresentado ao rei, com o decreto em questão, um dilemma ponteagudo cujas extremidades, seriam estas :

« Ou V. M. consente que se fuzilem os homens ou não. Se consente, revolta-se o povo, sempre inclinado para a clemencia; se não con-

sente, revoltamo-nos nós, que pedimos a nossa exoneração.»

E como naturalmente el-rei se voltasse todo para o perdão, o ministerio depunha as pastas, que, *par droit de conquête*, iriam ter á opposição, que as tinha pescado nas aguas turvas,—e retirava-se.

Infelizmente os calculos falharam, o dilemma não appareceu, e ella principiou de dar com a cabeça pelas columnas dos seus jornaes, furiosa com a decepção.

No primeiro momento de cólera disse heresias.

Mas o snr. presidente do conselho tinha pensado na desesperada situação em que collocava os seus adversarios politicos — homem grande e generoso! — e monologou no momento de redigir o decreto das commutações:

— Vamos! Nada de mordanças! É preciso que esta pobre opposição tenha com que desabafar o seu despeito sem fazer triste figura! Corramos em soccorro da mal-agradecida dando-lhe elementos para nos aggreir — com razão. Ella merece-o, coitada! Tem exaltações febris, mas no fundo é uma excellente senhora desdentada e inteiramente inoffensiva.

E para ser agradavel á opposição, o snr. Fontes houve por bem commutar a pena de

morte, aos dois soldados, n'uma pena impossivel, que não existe nas leis militares, n'uma pena de phantasia!

Já é de amigo!

Então succedeu o que o atilado estadista previra.

Depois de ter estonteado por entre phrases velhas e logares communs, attentando mais no decreto, a opposição soltou um rugido selvagem e cahiu-lhe de novo em cima, cravou-lhe as garras aduncas, e lacerando-o, rasgando-o, desmembrando-o, sahiu-se com esta descoberta :

«Que os dois soldados tinham sido condemnados a uma pena impossivel, que não existe nas leis militares, n'uma pena de phantasia!»

Ora muito obrigado pela novidade!

Mas o que seria de ti, misera opposição, se as coisas tivessem sido feitas com toda a regularidade, e o generoso presidente não tivesse corrido em teu auxilio dando uma *raia* para te ser agradavel? O que teria sido mesmo de ti sem os appetitosos escandalos, sempre variados, com que te favorece diariamente o paternal e sollicito governo de S. M., Fontes Maria?

Obsecada, que não comprehendes toda a isempção d'esse character sublime! Chama-lhe muito embora inconsequente, especulador,

ignorante, fatuo, nos teus artigos de ferro e fogo, — estás ño teu direito, és opposição, acabou-se! — mas ageita a cuia, enrosca o teu bicho ao pescoço, põe o teu chapéo de plumas historicas, fazê chamar um trem de praça e vai á travessa de Santo Amaro, a caza d'elle, deixar-lhe o teu bilhete de visita. Repara que o grande homem póde melindrar-se com a indelicadeza, e retirar-te o alimento quotidiano, — tornando-se decente!

Não te demores; vai.

O « HIGH-LIFE » HUMANITARIO.

Houve temerosas innundações em todo Portugal no principio d'este mez de dezembro.

Durante o curto espaço de alguns dias, a chronica teve de archivar nas suas paginas grandes catastrophes, perdas de vidas, a destruição de predios, de pontes, de azenhas, de plantações, espalhando-se a angustia, o lucto, a fome, o desespero pelos grandes e pequenos povoados.

Uma coisa, porém, sobrepujou o assombro causado pelas noticias de tantos desastres; foi a noticia dos actos de valor immenso, de he-

roica abnegação, de coragem sublime e de muitíssima humanidade practicados aqui, além, por toda a parte, onde se manifestava o perigo, ou se tractava de salvar uma vida, de prestar um auxilio ou precaver a uma desgraça.

O temporal não fez só victimas; fez também heroes.

D'estes o maior numero ficou inteiramente ignorado, como o ficaram egualmente as suas prodigiosas façanhas, os seus grandes arrojós.

Ainda bem que elles não arriscavam a vida para terem a gloria de ver o seu nome na gazeta.

Mas no meio d'um tal esquecimento, ou d'uma tal indifferença, um facto extraordinario veio despertar a chronica para o galardão justo e merecido a alguém, que pode egualmente collaborar, com centenas de benemeritos desconhecidos, na grande obra de salvação de muitos infelizes.

Esse alguém era o snr. D. Luiz I.

Constou na capital que a povoação de Vallada e immediações tinham sido innundadas, que os moradores se tinham refugiado nos telhados das habitações, prestes a desmoronar-se, que outros tinham trepado para a copa das arvores, que n'um instante podiam ser arrancadas pela corrente, que o espectáculo que of-

fereciam aquelles logares, inteiramente cobertos d'agua, era horrivel, as scenas que se presenciavam alli augustiasas, e no intuito de prestarem auxilio a tantos desgraçados, partiram alguns rebocadores para o logar do sinistro.

S. M., ao saber do caso, mandou immediatamente offerecer para o mesmo fim o seu escaler a vapor.

Sobre este facto, que tem no seu simples ennucciado todo o elogio de que é susceptivel, bordaram as gazetas monarchicas do governo os mais levantados encomios, apontando el-rei :

Como um espirito altamente humanitario ;

Como um principe cegamente dedicado ao bem-estar dos seus subditos ;

Como um coração de pai, a quem affligem os soffrimentos dos seus filhos, que são todos os portuguezes.

Não seremos nós que embaciaremos com uma leve coarctada—qualquer d'estas brilhantes affirmativas tendentes a mostrarem todo o amor que Sua Magestade nos dispensou, pondo á disposição do arsenal de marinha o seu escaler de recreio ; sómente desejaríamos que a mesma letra redonda, que serviu n'um dia para tecer tão justos encomios ao rei por aquelle facto, servissem egualmente no ou-

tro para celebrar os actos de valor practica-
dos por pobres varinos, semi-nus, que não se
limitaram a mandar os seus barcos sós ao lo-
gar da catastrophe. Pois opinam varios aucto-
res que os varinos, que arriscaram a sua vida
e o seu ganha-pão—o barco,—acudindo aos lo-
gares do perigo, salvando gente com um des-
interesse e abnegação extraordinarios, não
deslustravam a companhia, mesmo quando os
seus modestos nomes seguissem na mesma li-
nha ao do benemerito monarcha!

Mas está provado que a publicidade e o
louvor, ainda quando justos, são menos pela
acção, que se practica, do que por quem a pra-
ctica.

Tal acto de valor, que passou despercebi-
do para a imprensa, para as sociedades huma-
nitarias, e até para as proprias testemunhas
practicado por um modesto e generoso opera-
rio, será grande, sublime, deslumbrante, he-
roico, ao passo que o auctor d'elle fôr trepando
na escala das considerações sociaes.

O high-life! sempre o *high-life!* em tudo o
high-life!

OS LAÇOS INDISSOLUVEIS.

Estas linhas servem de epilogo ao que escrevemos no 4.º d'estes opusculos, sob o titulo —*Quasi consorcio*.

Finalmente juntaram-se o partido historico e a fracção reformista por indissoluveis laços, como se diz ainda nas gazetas, expondo ao mundo, n'um programma de vara e meia de composição compacta, o seu futuro modo de vida.

. . .

(A proposito de *laços indissoluveis* :

Liamos ha tempo n'uma folha noticiosa, não nos lembra até se na secção do *high life* :

«Uniu-se hontem pelos indissoluveis laços do matrimonio o distincto cavalheiro d'esta cidade e nosso amigo, o ex.^{mo} snr. G. de . . . tal, com a ex.^{ma} snr.^a D. H., interessante filha do nosso amigo e acreditado negociante d'esta praça o ex.^{mo} snr. I. de . . . etc. Os noivos, a quem mil venturas sorriem, porque a uma educação esmerada e a um character bondoso, têm a unil-os a *sympathia* e o amor, foram passar a lua de mel para Cintra, paraizo dos que dispensam as distracções do mundo, por-

que encontram no silencio da solidão a maior das felicidades.

»Os nossos parabens ás suas exc.^{mas} familias e uma eternidade de venturas aos noivos.»

Consultando a chronica ulterior a esta noticia, eis o que, por ultimo, conseguimos saber de tão auspiciada união :

1.^a Semana — Amaram-se.

Elle — És um anjo, H. !

Ella — E havemos de nos amar sempre, não é assim, G. ?

— (Abraçando-a) — Sempre, H. !

§

2.^a Semana — Tiveram o primeiro ar-rufo.

Elle (para a criada) — Diga á senhora que estou á espera d'ella para o almoço.

A criada — Sim, meu snr.

A criada sahe e volta logo.

A criada — A snr.^a diz que está com uma enxaqueca muito forte, que não póde sahir do quarto.

Elle — E não almoça ?

— Disse que não queria almoçar.

— (Sentando-se resolutto á meza) — Pois almoço eu!

§

3.^a Semana — Testilharam.

Elle — Em minha casa não entram senão as pessoas que eu quero!

Ella — Quer então o snr. que eu feche a porta ás minhas amigas? que rompa com ellas? que...

— Já disse o que tenho a dizer! Quem manda aqui sou eu!

— Mas isto assim é uma cadêa, vivo n'uma clausura! Até as minhas amigas, que eu recebi sempre em casa de meu pai, exclue! E' de mais! É impossivel!

— Peço-lhe que modere a voz para não ouvirem as criadas.

— E que tenho eu com isso?! Ellas estão fartas de saber que o snr. é um tyranno! Não casei com um marido, casei com um carcereiro! (Rompendo em choro)—Nunca! nunca pensei que fosse tão cedo desgraçada!

— (Pegando no chapéu e dirigindo-se para as escadas)—Os anjos que te respondam. (Sahe).

§

4.^a Semana — Elle bateu n'ella.

Elle — Por quem és, não me faças perder a paciencia!

Ella — A paciencia faz-m'a você perder! E se isto continúa assim, vou mas é para casa de meu pai! Agora até com o penteado embirra! (Batendo com o pé) — Não quero! não quero! não quero!

—(Affectando serenidade)—Faze menos bulha, não me dês escandalo, olha que eu não respondo por mim.

—Aposto que me quer bater! Não faltava mais nada! (Gritando e chorando)—Quero ir d'aqui p'ra fóra! Não quero estar aqui mais tempo! Deixe-me ir embora!

—(Avançando para ella, furioso)—Cala-te! olha que eu . . . dou-te!

—Pois dê! não faltava mais nada! Aqui me tem! Ande, dê! seu malvado! (Apresentando-lhe a face)—Porque não dá?!

Elle faz-lhe a vontade. *Ella* desata n'um choro descomposto, entremeado de soluços e de palavras inintelligiveis . . . Elle abraça-a, beija-a e pede-lhe perdão.

§

5.^a Semana—*Ella* bateu n'elle.

Estão á meza, *tête-à-tête*.

Ella—Não me digas que os croquettes estão bons. Só um homem sem paladar é que diz uma coisa d'essas!

Elle—Paladar tenho eu! Não terei outra coisa!

—(Empurrando o prato com arremço)—
Até cheiram a bispo!

—Qual bispo, H.! Tu é que estás contra a Maria e não sabes como has de principiar com ella.

—Aposto que tomas o partido da criada contra mim!? Também quero vêr isso! (Chama a criada; Maria assoma.)

—(Commedido)—Vá-se embora; não é nada.

—(Imperiosa)—Venha aqui, já lh'o disse

—Retire-se, mando eu!

—(Com raiva concentrada)—Está despedida!

—Não sahe d'esta casa!

—(Furiosa, rompendo n'um choro nervoso)—E' muito! é de mais! Infame! infame!
(Atira-lhe com um prato; — correndo para a criada)—Só por causa d'esta trapalhona!

—(Mettendo-se de permeio)—Que vai fazer, snr.^a?!

—(Sempre em choro e em furia; dando-lhe um murro)—O mesmo que lhe faço a si, seu malvado! seu impostor! (Cahe n'uma cadeira arrebetando os colchetes, e rasgando o vestido; depois solta dois guinchos, deixa pender os braços e desmaia.)

§

6.^a Semana — Batem-se . . .

Chegadas as coisas a este apuro, crêmos desnecessario reproduzir terceira scena moldada pelas duas a que o leitor acaba de assistir, e cuja differença está apenas no seguinte: em que, a final, em vez d'elle bater n'ella ou ella n'elle, — batem um no outro, resultando: elle ser ferrado . . . n'um dedo, e ella ficar pisada d'um olho.

Vivem separadamente. Não se fallam.

§

7.^a Semana — Trataram do divorcio.

A scena representa os dois andares d'um predio. Em cada um d'elles uma banca de advogado. Pequena livraria de alfarrabios. Espessas rimas de processos.

No 1.^o andar:

O exc.^{mo} snr. I., pai d'*ella*:—Finalmente, snr. doutor, é um malvado. E para lhe dizer tudo, ao cabo de mez e meio de casado, já lhe batia! Agora deixei eu a pobre pequena com o olho ainda pardo, de um murro que elle lhe attestou na semana passada! Ponha-se no meu lugar. Seja pai, tenha só uma filha, ve-

ja-a pisada de pancadas, e diga-me depois o que faria! Sim, eu só quero que o snr. doutor me diga o que faria!

O doutor—Perdão; mas eu estou aqui para dizer o que o snr. ha de fazer, ou antes, o que deverá fazer sua filha... O que eu faria não era da conta de ninguem...

O sogro—Pois sim; o que nós deveremos fazer...

—O que ella deverá fazer... Mas antes, ha que tempo estão casados?

—Ainda não fez dois mezes.

—(Tendo-se concentrado)—E ha filhos d'esse matrimonio?

—Filhos?!... Hom'essa!

—Ah! desculpe... não me lembrava... Finalmente, é d'um divorcio que se tracta, não é assim?

—Nem mais nem menos... e o mais breve possivel; não quero que minha filha soffra por mais tempo aquella tyrannia! Pobre criança! (Enxugando uma lagrima)—Quando pensei eu!...

—(Dobrando uma folha de papel de marca)
—Vou já fazer o requerimento. (Escreve).

No andar superior:

Elle (ao segundo advogado)—Uma separação, mas quanto antes! E' insupportavel!

O doutor — E não se poderiam ainda harmonisar?

— Nunca!

— Mas com que fundamento requer o snr. o divorcio?

— De maus tractos.

— (Espantado)—De maus . . . tractos?!

— Sim. (Mostrando-lhe o dedo mordido)—E aqui tem a prova. Não só atira com a louça, mas até morde.

— (A meia voz, com os seus botões)—Duas manchas terriveis, não ha duvida! (Alto)—Por conseguinte, incompatibilidade de genios.

— E' verdade! (Mostrando o dedo)—E se se levantasse corpo de delicto? Talvez dêsse mais força.

— É desnecessario. (Dobrando papel de marca)—Vamos já fazer o requerimento. (Redige).

§

8.^a Semana—Sentença:

O juiz (lendo)—

«Considerando que

»Attendendo a

»Sem embargo de

»Concordando com

»Homólogo a deliberação do conselho de

familia, que decretou por unanimidade de votos a separação de pessoas e bens dos conjuges G. e H.»

Duraram, pois, oito semanas os *laços indissolúveis* dos felizes noivos, a quem a gazeta agourára uma eternidade de venturas. Não admira. Estão assim sendo duradouras as eternidades conjugaes entre nós . . .)

. . .

Fechado o parenthesis, concluimos o artigo encetado a pag. 47 :

Pela nossa parte, fazemos votos por que os *laços indissolúveis*, que veem de prender os dois partidos, historico e reformista, durem uma eternidade,—não diremos de oito semanas, mas de oito mezes.

Uma verdadeira eternidade conjugal, exc.^{mos} snrs.!

QUEM ERA D. BALDOMERA.

Os jornaes madrilenos occuparam-se durante dois mezes, entretendo o espirito dos seus leitores, com a historia de uma heroína, de uma banqueira celebre, D. Baldomera,

que, recebendo dinheiro a juro de 30 p. c. ao mez, e tendo conseguido accumular immensos capitaes nas arcas do seu cofre, n'uma bella noite de dezembro, depois de se ter mostrado em todo o seu esplendor no theatro da Zarzuela, *se fue* com alguns milhões de reales.

E os jornaes portuguezes, que fazem tudo de reflexo, sem perceberem a fina ironia em que se rebuçava o typo phantastico de D. Baldomera, reproduziram as noticias do espantoso movimento da sua caixa phenomenal, apresentaram o governo hispanhol occupando-se das suas transacções financeiras, a policia de rewolvers em punho guardando-lhe as sahidas do palacio, e o povo atropellando-se-lhe nos cerredores, engrossando-lhe, com as tresuadas migalhas das suas economias mensaes, as importantes sommas que diariamente despejavam nos seus cofres o negociante, o proprietario e o capitalista ambicioso.

Houve até um jornal que chegou a publicar-lhe o retrato, acompanhando-o d'um artigo correlativo!

. . .

D. Baldomera é um dos mais bellos productos da viva phantasia dos nossos visinhos.

Caracterisa uma epocha. Devidamente explorado, podia mesmo dar-nos um livro como o D. Quichote.

D. Baldomera, a famosa banqueira, é simplesmente a nossa vizinha Hespanha.

Ella offerecia grandes lucros, sommas fabulosas, a quem quizesse aproveitar-se das vantajosas condições do seu mercado. No termo da guerra carlista, as finanças melhorariam, os fundos haviam de subir, e choveria ouro no regaço dos... bem-aventurados.

E D. Baldomera teve então de alargar o seu vasto estabelecimento bancario, porque *todo o mundo* correu a alastrar-lhe de ouro os balcões, as mezas, os tapetes, e já não havia onde guardar mais dinheiro.

A romaria continuava...

E tudo a Hespanha recebia nos seus amplos cofres, sem que a minima contracção nervosa denunciasse no rosto de D. Baldomera o antecipado remorso d'uma torpeza calculada.

Terminou a guerra carlista, a Hespanha entrou na sua vida normal, continuando mais que nunca D. Baldomera a merecer a confiança de quem lhe tinha entregado os seus haveres, porque pessoa alguma ousava suppor que ella deixasse de satisfazer os seus compromissos.

Não era acaso a Hespanha uma nação grande, e, apesar de devastada pela guerra, de inesgotáveis recursos?

Esta simples consideração respondia triumphantemente aos conselhos cheios de prudencia e ás vagas duvidas emittidas por alguns videntes sobre a sorte dos fundos confiados á sabia administração de D. Baldomera.

Depois, o governo de Hespanha mandou annunciar que o escriptorio, a caixa e as varias repartições do grande estabelecimento de D. Baldomera estavam vigiados por delegados seus e policia sua—d'elle ou d'ella.

E então as duvidas que podiam restar sobre a collocação de dinheiro em fundos hespanhoes, cessaram, e o futuro d'uma familia numerosa, a legitima d'uma orfã, as economias d'um industrial, e pão d'uma viuva, tudo foi engrossar ainda mais o vasto oceano de dobrões em que nadava D. Baldomera.

. . .

Senão-quando, a Hespanha declara-se fallida, e ao espantoso clamor das victimas, expede 800 telegrammas perguntando noticias da ladra Baldomera...

De toda a parte chovem denuncias, por to-

da a parte se dão buscas, a cada passo se fazem capturas.

E com o mais encarniçado empenho de oferecer á Europa um grande exemplo de moralidade, a Hespanha tracta de perseguir a propria sombra e de mettel-a na cadêa!

E' prodigioso!

RECLAMOS THEATRAES.

São de uma tal originalidade e interesse os reclamos das folhas diarias da capital para as representações theatraes em voga, que o leitor chega muitas vezès a não ir a nenhuma — por não poder ir a todas ao mesmo tempo!

Foi justamente isso o que nos aconteceu na ultima occasião que nos apeamos em Lisboa.

Daremos, para amostra de reclamos, o final de varias noticias contidas no mesmo jornal do mesmo dia sobre os espectaculos d'essa noite.

Theatro de D. Maria; a respeito da ultima representação da *Andrea*, de Sardou:

«Este magnifico drama despede-se do publico para dar logar á comedia em 3 actos «A

Mosqueteira». *É d'esperar que a casa regorgite d'espectadores. «Ninguém falte.»*

Theatro da Trindade; *Giroflé*:

«Alegre-se o publico! Tem hoje de novo a «Giroflé» na Trindade. *O que não irá esta noite n'aquelle elegante theatro!*

Theatro do Gymnasio; varias comedias:

«É variadissimo hoje o espectaculo. Faltar seria um crime de leso-bom gosto. *E' aproveitar.»*

Theatro Principe Real; *A Perichole*:

«Se quizerem ir hoje ver a magnifica opera burlesca em que Preziosi é adoravel, *corram já ao camaroteiro, porque do contrario ariscam-se muito a não encontrar bilhetes.* O theatro do Principe Real está sendo o theatro *chic*; quem está na moda vai lá, e quem vai lá diverte-se como se não diverte em parte alguma em Lisboa.»

Theatro da rua dos Condes; a farça *as Creadas*:

«A peça é recheada de lindissima musica. *Previnam-se com tempo, porque o espectaculo de hoje é bom de lei.»*

Os americanos, havidos em todo o mundo como professores consummados n'este genero de chamariz, ainda hão de suar muito para conseguirem imitar os nossos especialistas da gazeta diaria, cheios de originalidade, de artificio, de fino tacto em conduzir a turba ao ponto desejado fazendo-lhe cocegas na bossa da curiosidade.

Por isso os theatros da capital estão ás moscas.

Consequencia de ser magnifico tudo o que ali se exhibe, e o espectador precisar de oito dias de antecipação para se munir de bilhete...

«As enchentes succedem-se!...» «Previnam-se com tempo...» «Corram á casinha do camaroteiro...» «Depois não se queixem...»

Mas o publico, que tem a sua vida, os seus negocios, lembra-se só na propria occasião de que precisa de desenfadar-se algumas horas, consulta um jornal, e vendo por elle que já é tarde para conseguir um bilhete, que todos os theatros devem estar cheios d'uma turba previdente e avida,—não vai lá.

D'ahi, os theatros vasios.

ADVOGADOS-ALCIDES.

É dia de sessão correccional no tribunal de Chaves. O respectivo juiz, imponente de magestade, com os oculos erguidos para a testa, preside á audiencia; á direita o representante do ministerio publico folhea uns autos; á esquerda, em logar inferior, o escrivão, toma os seus apontamentos; na respectiva coxixa os dois illustres advogados, o do auctor e o do reu, este roendo as unhas, aquelle aparando um lapis, e por ultimo, sentado no moxo aviltante o delinquente, accusado de ter dado quatro taponas boas n'um ricoiço da localidade, na ultima feira franca. Os officiaes de diligencias, de capa preta encodeada, entram e sahem mostrando-se afadigados com serviço. O publico occupa os seus bancos e coxixa entre si.

Interrogado o réu sobre o seu nome, idade e costumes, — «aos costumes disse nada», observa o juiz; — o digno escrivão lê as peças do processo, e as testemunhas são interrogadas.

O advogado do auctor — Conhece esse homem? (Apontando para o reu.)

A testemunha (mulher de 50 annos) — Eu, snr. dr., saberá v. exc.^a que este homem... assim Deus me ajude... não é por mais nada,

mas . . . acho que foi elle, o Senhor me perdôe . . .

O advog. do a.—Que foi elle, o quê? explique-se.

A testem.—Saberá v. exc.^a que, sem fazer encargo á minha alma . . . quem eu vi, foi este réu, que attestou duas ricas bordoadas no outro supplicante . . . qu'até depois pegaram ás enguedelhas . . . qu'até . . .

O advog. do a.—Mas quem era o tal supplicante?

A testem.— Elle, snr., assim Deus me ajude, como o tal supplicante, a bem dizer, snr., é o outro réu que falta aqui. (Risos abafados.)

O advog. do a. (a meia voz, para o delegado) —E' uma rustica . . . não sabe o que diz . . .

O advog. do r.— Mas não se engana . . . effectivamente alli falta um réu . . .

O advog. do a. (colerico) — Não me dirigi ao snr. advogado!

O advog. do r.— Nem eu tão pouco a v. exc.^a. Apoiava simplesmente uma phrase justa da testemunha.

O advog do a.—A testemuha dispensa os apoiados.

O advog. do r.— Eu sei que lhe bastam os da sua consciencia por ter affirmado uma grande verdade.

O advog. do a. (a meia voz; com um geito de hombros) — Ignorante!

O advog. do r. (abespinhado) — Ignorante! V. ex.^a insulta-me?! Eu appelo para s. exc.^a o meretissimo juiz presidente d'este tribunal . . .

O juiz (badalando) — Peço aos snrs. advogados, que usem de expressões menos frisantes e . . .

Um espectador (para outro) — Aquillo é serio?

O outro — Qual é! Boa! Elles fazem aquellas partes mas é para enganar as partes!

O advog. do a. — Peço perdão por interromper a v. exc.^a, mas aqui houve um malentendido. Eu exclamei — ignorante! — mas referindo-me á testemunha.

O advog. do r. — Desde o momento em que v. exc.^a retira . . .

O advog. do a. — Eu não tenho nada a retirar.

O advog. do r. (irado) — Por consequencia, snr. juiz . . .

O juiz (badalando) — Chamo á ordem os snrs. advogados. O tribunal não é para questões futeis. Se tivesse havido intenção offensiva nas palavras do snr. advogado, eu teria sido o primeiro a convidar s. exc.^a a retirá-las por decoro proprio e do tribunal.

O réu (que é da junta de parochia; esquecendo-se do lugar onde está) — Apoiado !

Riso na assembléa; indignação no juiz, que impõe silencio ao réu, disparando-lhe um discurso á queima-roupa sobre o respeito devido ao tribunal.

Tem a palavra para interrogar a testemunha da accusação o advogado do réu.

O advog. do r. — Quando a testemunha disse que tinha visto o accusado á bulha *com o outro reu que faltava aqui*, a quem se referia?

A testem. — O outro réu. snr. . . . o outro réu . . . verdadeiramente . . . era aquelle que eu vi zupar n'este, quando este zupava n'elle . . .

O advog. do r. (melifluo) — Sabe-lhe o nome?

A testem. — Elle, snr., é Custodio. (O nome do auctor.)

O advog. do r. (triumphante) — Estou satisfeito. (O advogado do auctor roe as unhas de fullo.)

Depois do interrogatorio das testemunhas, durante o qual os dois advogados rivaes continuam beliscando-se, tem a palavra:

O advog do a. — Finalmente, snr. juiz, este homem tem sido preso por mais de uma vez em desordens, que pro-

move. Frequentador de tabernas e outros logares de má companhia, emprega a maior parte do tempo em provocar as pessoas pacatas, quando não vai para casa, snr. juiz presidente, espancar a propria mulher e os filhos!

O advog. do r. — É falso! Não consta do depoimento das testemunhas!

O advog. do a. — Mas sei-o eu, que sou visinho do réu.

O advog. do r. — Esse depoimento não faz fé. Apresentasse-se como testemunha.

O advog. do a. — Já disse que não lhe admittia reflexões!

O juiz (badalando e preparando-se para fazer um discurso) — Ordem, snrs. advogados! ou retiro-lhes a palavra!

O 1.º espectador — Elle agora será serio?

O 2.º espectador — Estás doido! É tudo *panta!* Estão mas é mortos por se rir. Tu verás.

O advog. do r. (erguendo-se ameaçador; respondendo ao collega) — Nem eu tampouco!

O advog. do a. (ironico) — Aposto que me quer bater?

O juiz — Ordem! ordem!

O advog. do r. (atirando um murro ao adversario) — Bato-lhe, e já!

Luctam braço a braço. Grande algazarra. O advogado do auctor esmurra o collega com

um box. Os officiaes de diligencias acodem, o escrivão desmaia, o juiz, de pé, bracejando, preside áquella scena. Ao embate dos dois jurisconsultos, a porta da coxia abre-se e elles vêem rolar aos pés do réu, accusado de desordeiro, que consegue separal-os. Balburdia.

O 1.º espectador — Mas agora sempre é a valer!

O 2.º espectador (tendo feito um movimento d'hombros) — Será; não teimo . . . Tambem te digo que, se é fingido, é muito bem feito!

A confusão no tribunal é immensa. Os contendores erguem-se, sangrando pelas ventas esmurradas e outros orificios.

O juiz levanta a audiencia.

. . .

Este factó narram-n'o alguns jornaes muito succintamente, sob a epigraphé substanciosa — *Pugilato presidiado por um juiz.*

Não são, porém, novas nos nossos tribunaes scenas d'estas, na verdade pouco edificantes e menos dignas, como se já não bastasse o que usam alguns snrs. advogados, para provarem interesse pela causa dos seus constituintes: — apostropharem, deprimirem e até insultarem um homem indefeço, testemunha ou réu, que

téem amordaçado deante de si, a quem se nega o direito da replica ou do protesto indignado e energico.

E o caso é que, inaugurada a grande scena da lucta romana com manopla de ferro sob a presidencia do meretissimo juiz de direito, no proprio sanctuario das leis, a ideia póde radicar facilmente como reclamo.

Indagarão as partes :

— Quem será capaz de tractar este negocio com empenho ?

Responderão da banda :

— Isso ninguem melhor que o dr. Fulano! Interessa-se tanto pelo seu constituinte, que chega a ameaçar as testemunhas e a jogar o murro com o advogado contrario. Ainda não ha oito dias que elle partiu a cabeça ao dr. Fuinha com uma régua, em pleno tribunal! Eu cá não queria outro! Até o juiz tem medo d'elle!

Por isso, dada a repetição de taes factos desagradaveis, era talvez prudente um pequeno additamento invisivel na austera *toilette* dos snrs. advogados:—ss. ex.^{as} não tomariam os seus respectivos logares no tribunal sem terem cumprido a formalidade de se cingirem um collete de forças por baixo da sua ampla toga de merino.

Não ignoramos quanto deve de ser custoso ao orador sentir-se manietado no meio dos seus arrojados ciceronianos e quando vierem de molde os gestos largos, solemnes ou arrebatados; mas o que a oração perde em gestos, ganha-o o tribunal em decoro — e é o principal.

CAMAPHEUS.

III—O incognito.

Quando sahe dos seus dominios,
Do Pangaio o imperador
Não quer luxo, não quer tropa,
Nem honras de grão-senhor.

E rebuça-se no incognito,
E' um simples forasteiro;
Não lhe sahe tão caro o giro,
Sempre poupa algum dinheiro...

As luvas são-lhe um estorvo,
Ninguem o enxerga enluvado,
Nem se escova; o pó da estrada
Para elle é pó sagrado.

Passêa em *coupé* de praça,
Regatea um camarote,
E dá-se o gosto barato
De pregar o seu calote.

Viaja em segunda classe
Nos wagões e nos paquetes;
Carrega sempre co'as malas,
Parece um moço de fretes.

—Pois com todo este disfarce,
Pouco limpo e mal vestido,
Quando veio ha tempos ver-nos
Foi logo reconhecido!

E voltou aos seus dominios
Raivoso de um tal successo,
Com epigrammas nas malas
E aos lombos... c'ò um processo!

. . .

Mas hoje que, pelo modo,
Percorre de novo a terra,
Aposta corôa e sceptro,
Seus grandes vasos *di* guerra,

Seu paço da Carioca
E tudo que existe lá,
Que ninguem, por muito fino,
Como tal o apontará.

E tem razão o monarcha!
Ninguem ha que o reconheça!...
Sobraçando um cosmorama,
Co'um cartuxo na cabeça,

(O cosmorama é calculo...
Não indo das mãos vazio,
Não poderá ser suspeito
De imperador ou vadio...)

Tal se apresenta em Athenas,
Em Moscow e no Egypto,
Fallando o latim, o grego,
O russo, o mouro, o sanscrito.

E o vulgo diz:—Quem será
Este erudito profundo,
Que parece estar ao facto
Das linguas que falla o mundo?...

Quem será este philosopho?
Quem será tal polyglota,
Que o mundo corre mostrando
A bichinha maramota?...

E ninguém sabe quem seja!
Não n'ó suspeita ninguém!
Ao antigo homem das malas,
Quem *reconhece-o*? — quem?

. . .

A origem do novo incognito,
Ou seja ou não verdadeira,
Contam ter sido conselho
D'uma preta feiticeira.

— Se não quer's ser conhecido,
(Disse lendo um alfarrabio)
Deixa as malas, deixa os fretes,
E encaderna-te — de sabio...

. . .

Assim, pois, corre o mundo disfarçado
Em poço de sciencia nunca exausto
O monarcha das malas, inculcando-se,
Não adivinham quem? — *o dr. Fausto!*...

VESPAS

Um dos vultos mais distinctos da actual vereação do Porto é o snr. Araujo, respeitavel commerciante, em grosso, de bacalhau, assucar, enxofre e petroleo, na travessa de S. João, da mesma virginea cidade.

Nas sessões das quintas feiras — a quinta feira é o dia marcado para as sessões *ordinarias* da camara — s. exc.^a é como uma porta. Não tapado, mas calado, silencioso. Ouve e cala, exceptuando um caso: — O caso de se discutir algum requerimento da Companhia Carris-americanos do Porto para a concessão de uma nova rua, de mais algum desvio, ou mesmo de alguma linha dupla, tudo em beneficio não d'ella, mas do publico.

(Consta que a benemerita companhia, em obsequio á cidade, anda no empenho de enredal-a por tal arte de linhas duplas, triples, desvios e entroncamentos, que o municipe não poderá dar dois passos sem cair na rede. Louvavel empenho !)

E como tudo o que a companhia faz é em beneficio do publico, o snr. Araujo não deixa escapar ensejo de pleitear a favor da companhia. As razões que s. exc.^a offerece á consideração do sisudo concilio senatorial e publico adjacente, para alcançar deferimento ás pretenções da sobredita, é que são especialissimas e dignas de menção.

Ha tempo discutia-se uma das millesimas coisas urgicas da companhia, a faculdade de assentar não sabemos já que entroncamento ou desvio; os debates iam accessos e promettiam ser longos.

N'isto obteve a palavra o sr. Araujo e disse:

« Eu sou de opinião que se concedam não só este como todos os desvios que a compãhia Carris-americanos do Porto reclamar, etc. etc., porque . . . digo-o com a mão na consciencia, digo, apesar de todos os seus esforços, ainda no anno passado não deu dividendo aos accionistas, e por isso voto que se lhe conceda tudo. »

Logo depois . . .—Mas escusamos de ir mais longe; lêmos n'um dos extractos de uma das ultimas sessões que o padre conscripto, com os braços apoiados nos braços da sua cadeira, dissera :

« Eu ainda estou na mesma opinião . . .

Nas principaes cidades de Inglaterra as ruas de mais transito são cortadas por aquelles trilhos. A companhia é que tem interessado menos. Os capitalistas que deram para lá o seu dinheiro ainda não receberam juro algum. . . »

Como se vê d'aqui, o argumento para mover a camara a fazer concessões á empresa dos americanos em obsequio ao publico, é novo em folha e convém registrar.

Effectivamente, que póde recusar-se a uma companhia, que não distribue dividendo aos seus accionistas? — Quer mais um desvio, quer mais duas ruas, quer a cidade toda e os suburbios? Conceda-se-lhe tudo, entregue-se-lhe tudo, á coitada, que não tem dado juro do seu dinheiro aos capitalistas, que subscreveram para ella!

Corações compassivos dos illustres vereadores portuenses, fazei a vontade ao snr. Araujo! Não negueis coisa alguma á benemerita companhia! Que a empresa tenha alguma coisa que distribuir aos snrs. accionistas no anno corrente!

E se esta lamuria não basta, sabei mais então, snrs., que elle, o vosso digno collega, apesar de nunca o ter declarado em sessão, — ó rigidez de principios! — tambem traz por lá os seus cobres a rodarem nas vias americanas,

e crêmos que é tempo de lhe renderem meio por cento!

Que dizeis a isto, padres conscriptos? . . .

Ainda bem.

Ainda bem que vemos os parlamentos estrangeiros descendo até nós nas suas baixas polemicas de dize-tu, direi-eu. Isto consola um pouco, attenta a impossibilidade de subirmos, nos seus grandes rasgos de civismo, até elles. Valha-nos isso.

Na chronica do mez antecedente assignalamos um pequeno episodio do congresso hespanhol, em que um orador se poz a interpellar a galeria. Na d'este mez apontaremos outro; d'esta feita, porém, a scena passa-se em França, na camara de Versailles.

Tem a palavra o snr. Ménier, auctor de uns chocolates, que teem levado o seu nome a todas as cosinhas e salas de jantar da Europa, e que ultimamente foi eleito, não sabemos se por vingança dos outros fabricantes, seus collegas, se por gratidão dos consumidores da sua droga. Falla sobre o *capital fixo*:

Uma voz á direita. — Como o cacau!

Ménier — O interruptor deve saber-o, porque fui fornecedor de seu tio, e se o sobrinho me quizer pagar o que me deve...

Paulo de Cassagnac — O snr. é um grosseiro ! (Exclamações na esquerda.)

Ménier — Não quero ferir pessoa alguma, porém não posso consentir que me interrompam constantemente.

Paulo de Cassagnac — Faça-lhe a honra de aceitar as suas desculpas.

O presidente — Não posso admittir, snr. de Cassagnac, que chame grosseiro a um orador, que está na tribuna.

Paulo de Cassagnac — Vejo que o snr. presidente não ouviu o que tinha dito o orador.

O presidente — Não cessam de interromper o orador com allusões á sua profissão.

Ménier — De que me orgulho.

Uma voz na galeria — Viva a França !

Viva Napoleão IV !

E ainda duvidam de que seja aquillo uma republica !

É extraordinaria a sua lingua! — dizia-nos um estrangeiro que se dera o luxo d'um mestre de portuguez. — Com certeza não ha paiz onde o indigena coma tanto *como* aqui. Veja que só n'esta phraze eu *como* duas vezes! E depois as expressões familiares são outras tantas comedorias! Ora veja:

Chega um individuo ao pé de outro, e a primeira coisa que lhe diz, é:

— *Como* passou?

Ou:

— *Como* está?

Ou:

— *Como* vai?

Encontra uma mulher formosa, e diz-lhe:

— *Como* é bella!

Aperta contra o peito o busto da mulher adorada, e exclama:

— *Como* te adoro!

Vôa a uma primeira entrevista, e agradecendo tamanho favor, beija a mão que se lhe abandona, murmurando:

— *Como* é boa!

Encontra na rua uma grisette, cujo passinho faz tic-tic, na phraze original de mr. Alberto, socio da Academia das Sciencias, e pergunta-lhe:

— *Como* se chama?

Ou diz-lhe, tentando segui-la :

— *Como* vai apressada !

Se dá um trambulhão, acode logo gente a interrogal-o :

— *Como* cahiu?

E o snr., levando a mão ao lugar molestado, exclamará naturalmente :

— *Como* me doe !

« Eu, meu caro, — accrescentou o estrangeiro — há muito que ouvia fallar da opulencia da lingua portugueza, mas nunca suppuz que ella fosse tão rica, digo-lh'o do coração, que desse de comer de graça a tanta gente, e sempre ficasse na mesma! E' inesgotavel.

— Perfeitamente inesgotavel ! — observamos então nós. — E até talvez seja por isso que o governo deixa morrer á fome os professores de instrucção primaria ! *Como* têm a grammatica de casa!...

Um dos compendios por que se bebe a instrucção elemental na India ingleza, diz as coisas mais lisonjeiras de Portugal e dos portuguezes, chegando a bondade do seu auctor

a collocar-nos abaixo dos hottentotes, que s. s.^a considera o povo mais immundo, mais barbaro e despresivel do mundo. Isto não se comprehende facilmente, nem é preciso, mas em todo o caso, é o que se lê no tal evangelho.

Para dar inteira razão a este seu compatriota, a imprensa ingleza não deixa escapar occasião de barbarisar, já não dizemos os costumes portuguezes, mas os nomes dos nossos mais conhecidos diplomatas.

O *Times* noticiava a rejeição dos snrs. conde de Casal Ribeiro e marquez d'Avila, convidados para embaixadores de Londres, pelo theor seguinte :

«O marquez Avilsac Bolam e conde Casribeiro recusaram ambos, segundo se diz, a embaixada em Londres.»

Juraram-n'os seus deuses, os nossos fieis alliados! Havemos de ser barbaros por força... a começar pelo snr. d'Avila e Bolama!

Ma tempo noticiaram alguns jornaes que um cabelleireiro de Paris, o snr. Lespez, tinha sido condecorado por el-rei de Portugal com o habito de cavalleiro da ordem de Christo, succedendo que o chanceler-mór da Legião

d'Honra negára ao agraciado auctorisação de usar as insignias respectivas e dizer-se tal cavalleiro, pois que o governo portuguez se tinha *equivocado*.

Recalcitou o bom do cabelleireiro, apresentando o decreto assignado por el-rei o snr. D. Luiz I, e referendado pelo snr. Antonio Rodrigues Sampaio, em que «Edmundo Lespez, cidadão francez, attendendo ás circumstancias que n'elle concorriam e como testemunho de real munificencia,

»Era agraciado com o gráo de cavalleiro da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo.»

As circumstancias especiaes, que concorriam na pessoa d'este cabelleireiro-cavalleiro,—será bom dizel-o, para que se não pense que elle tinha sido tão inutil como varios outros seus collegas,—era ter inventado uma essencia, que denominou *Agua de Portugal*, e offerecido dois frasquinhos do seu invento ao poder moderador.

Por ultimo, Lespez foi chamado aos tribunaes e foi julgado em policia correccional por distribuir uns bilhetes de visita, em cuja margem estava gravado o habito de Christo—por engano,—e se lia o extracto do *Diario do Governo* portuguez, que fica transcripto.

O credulo barbeiro foi condemnado a 500

francos de multa por usar indevidamente uma condecoração estrangeira, que se lhe havia conferido em regra.

Diz-se agora que o snr. Lespez vai demandar o snr. Sampaio por perdas e danos.

Não achamos razoavel o proposito do illustre cavalleiro desapossado. A culpa do desaire é toda sua por ter tomado a serio um documento official do governo portuguez, original, incontestavel, authentico, finalmente capaz de despertar a desconfiança no indigena mais credulo!

Tanta ingenuidade n'um francez é imperdoavel! A pena foi merecida.

AO DIRECTOR D'UM BANCO
OU D'UMA COMPANHIA
OU DA CAIXA FILIAL D'UMA D'ESTAS COISAS,
«COMPROMETTIDO» NA ULTIMA CRISE

Cezar e tu sois eguaes,
Ambos sublimes heroes;
Tanto, que eu nem sei dos dois
Qual tomou mais *capitães!*

Um fino americano, o cidadão Twed, em certo dia, que o apertavam uns estranhos desejos de ir espaiar-se por esse mundo além, praticou um pequeno furto — muitos dizem ter sido roubo, — de alguns milhões, e partiu abordoando-se ao seu cajado de *touriste*.

Mas como a superficie do globo está coberta de almas pequenas, que não podem vêr uma camisa lavada no proximo, os antigos proprietarios dos milhões de Twed, movidos pela inveja, deram em perseguir este honrado capitalista, alcunhando-o de ladrão, até que conseguiram prendel-o, fazendo-o conduzir n'um bonito vaso, contra sua vontade, par-New-York.

Durante o tempo da viagem o snr. Twed foi objecto de todas as attenções por parte do capitão e subalternos, e ao tocar no paiz natal, a auctoridade foi recebê-lo a bordo com todas as deferencias devidas ao representante de uma das melhores fortunas dos Estados-Unidos da America.

Por ultimo, ao saltar em terra, uma parte do povo, que esperava anciosamente o heroe de cem noticias palpitantes, levantou-lhe vivas clamorosos, acenando com os barretes.

Twed, a estas expontaneas demonstrações de sympathy, agradeceu com modestia, e foi

para a cadêa esperar a hora da sua reabilitação pela sentença d'um juiz, que condemnerà de certo os roubados nas custas do processo e em 30 mil libras de perdas e danos para o millionario.

Moralidade

Ladrão:

Se queres consideração,
 Não roubes nunca um pão,
 Furta um milhão.

Como vem proxima a abertura das Côrtes, não será fóra de proposito apresentar algumas novidades introduzidas na oratoria parlamentar do estrangeiro e muito aproveitaveis para os nossos Demosthenes da camara baixa, em S. Bento.

Falla Gambetta na camara dos deputados, de Versailles, e diz que o snr. Wilson acaba de fallar em seu nome...

O snr. barão de Septenville — Ah! ah!

O snr. Gambetta — Como, ah! ah!...? em que póde surprehender o snr. o que eu digo?

O snr. barão de Septenville — Sim... eu disse... ah! ah! porque estou no direito de exprimir por esta fórma o meu pensamento. Sou deputado como o snr. ...

Que nos dizem a esta maneira — laconica — de um orador exprimir o seu pensamento, deante d'uma assembléa respeitavel? — Convenham que, quando não seja mais nada, pelo menos é original.

« Ah! ah! » fica, pois, pertencendo á oratoria parlamentar, para exprimir certos pensamentos, para nós, por emquanto indefinidos, mas que não carecerão de nobreza, elevação e vigor.

Se, porém, aos « ah! ah! », os nossos oradores juntarem alguns « eh! eh! », certos « ih! ih! » e uns raros « oh! oh! », — que novos horisontes descerrados á eloquencia nacional! e que valiosos serviços prestados aos respectivos auditorios! Assim, pois, nós veremos simplificados os discursos massudo-gregos do sr. Monteiro, obrigados a Alexandre e Artaxerxes, reduzidas a um bocejo as orações hyppico-sentimentaes do sr. Assumpção, que nos parece ainda pouco resolvido a deixar em paz o cavallo branco de Napoleão, e mudados n'um simples « uh! uh! » medonho os arrancos de patriotismo anti-iberico do sr. Thomaz Ribeiro!

Que bom ! Nada menos de tres economias
Economia de tempo, economia de discursos
e economia de tachygraphos.

E' de o sr. bispo de Vizeu arregalar o olho!

Montem, por acaso, passando a vista pela
quarta pagina dos jornaes, acertamos lêr,
em lettras abertas n'um largo travessão negro,
este annuncio :

Agua Circassiana

e logo depois :

*Unica usada por todas as familias reaes
da Europa*

7 annos de exito em Portugal—48 annos
de exito em todo o mundo

Ignoravamos a applicação e utilidade d'esta
agua maravilhosa, mas attendendo á notabilis-
sima circumstancia apontada no annuncio, de
ser a unica usada por todas as familias reaes
e nobreza da Europa, suppozemos que seria
alguma agua que abrisse um appetite devora-

dor a qualquer monarcha, para poder jantar oito vezes ao dia, ou compozesse o estomago, relaxado por taes excessos, de patricios illustres, que comessem como brutos millionarios.

Enganamo-nos redondamente.

A *agua circassiana*, «recommendada pelos medicos mais eminentes,—continúa o annuncio, *é a—única que torna os cabellos brancos á sua primitiva côr.*»

Deante d'esta novidade, esbogalhamos os olhos e deixamos pender o queixo; não porque nos espantasse de tornar os cabellos brancos á sua antiga côr,—qualquer droguista possui esse segredo nos seus prateleiros,—mas pela novidade, que se nos afigura uma indiscrição, de que todas as familias reaes e nobreza da Europa usam tal agua.

Por esta declaração concluimos, salvo o respeito devido ás testas coroadas e ás ricas fardas agaloadas da aristocracia europea:

Que não haveria em toda a Europa cabeça de rei, nem trança de duqueza, nem barba de fidalgo, que não fosse uma estriga de linho sem o miraculoso elixir! Tudo cabeças brancas — e tudo usando a agua circassiana! Logo, tudo cabeças pretas, louras ou castanhas, segundo a sua côr *primitiva!*

Originaes cabeças, na verdade, as de todas

as familias reaes da Europa e nobreza correlativa!

Mas não pára aqui o nosso espanto, e rogamos a attenção da sociedade geographica da capital para esta importantissima descoberta. Accrescenta o annuncio :

7 annos de exito em Portugal—48 annos
de exito em todo o mundo.

Uma coisa se deprehende da simples leitura d'este annuncio. É que Portugal não pertence a todo o mundo; e até não está tão perto d'elle que seja de dias ou mezes a viagem para chegar até cá. Pois que em *todo o mundo* a agua circassiana tem um exito de 48 annos, e em Portugal ha apenas 7 que ella obtém esse exito; isto é, que durante 41 annos o famoso elixir foi conhecido e apreciado em *todo o mundo* antes de o ser n'este reino, gastando, pois, todo esse tempo a vir de *todo o mundo* até nós.

Mas então, snrs. geographos da agua... circassiana, onde ficará Portugal, elle que não está comprehendido em todo o mundo? ...

Nepomoceno é uma excellente criatura, gosando um modesto rendimento, pelo qual tem pautado todas as suas despesas ordinarias e extraordinarias, sempre muito escovado, muito barbeado, muito gommado, muito engraxado, muito decente, frequentando o theatro lyrico nos camarotes das familias das suas relações, economico sem ser sordido, vivendo n'um hotel particular, comendo a horas fixas, não tomando café fóra de casa, não pedindo nem emprestando dinheiro a pessoa alguma.

Como, porém, é delicado, e além d'isso tem espirito, Nepomoceno jámais disse a um aspirante a devedor do seu dinheiro, redondamente que *não*. Os expedientes variam consoante os individuos e a fórmula do pedido. Ultimamente foi salteado por um *sans-façon*, que, depois de uns cumprimentos mais familiares que de costume, lhe disse abruptamente:

- Entremos aqui n'este café . . .
- Para quê?
- Preciso de fallar-te.
- Mas dize o que tens a dizer.
- Não; vem cá.

Entraram no café.

— Empresta-me duas libras — proseguiu elle.

— Estás doido! — tornou Nepomoceno sorrindo — Eu empresto-te lá duas libras!... Só se não fosse teu amigo!

— Como assim?!

— É isto mesmo! Estimo-te muito para te emprestar essa bagatella. Tenho bastante conhecimento da sociedade para cahir n'uma d'essas!

— Estás a caçoar!

— Não estou! O que não quero é ser teu crédor!... Olha lá. Queres tu saber o que é um crédor? — Crédor é um individuo antipathico, de quem se foge, cujo nome nos causa arripios e insomnias, cuja presença nos incommoda, que sobrecarregamos de pragas, a quem nos negamos constantemente e cuja morte se deseja! Ora eis o que tu me propões que eu seja para ti! Pelo amor de Deus! Tudo, menos dinheiro! Não, meu caro; nunca te emprestarei as duas libras, ainda que tenhamos de romper as relações... porque em fim, já te disse, estimo-te muito, comprehendes? para me constituir teu crédor! Quero que continues a ser meu amigo, sabes?

Nepomoceno disse estas ultimas palavras

sacudindo violentamente a mão do amigo e sahiu deixando-o no meio da casa, immovel como um frade de pedra.

Parece que depois d'aquelle accesso mavorcio que levou o snr. ministro da guerra a co-roar de Krupps a fortaleza do Bugio, a comprar velhas espingardas reformadas para o exercito e a mandar vir pombos correios para as eventualidades d'um cerco temeroso, s. ex.^a o grande estrategico mudou inteiramente de systema, resolvendo o seguinte :

Acabar com a tropa . . .

E como é preciso que d'isto sejam bem informados os hespanhoes, que não cessam de nos acenar do alto das columnas dos seus jornaes, o nobre ministro da guerra começa por offerecer á contemplação dos nossos visinhos da fronteira regimentos compostos de 50 soldados e da banda—para tocar o hymno.

O *Noticioso*, folha de Valença, informa que o batalhão de caçadores 7, de guarnição n'aquella praça, terá 60 homens *promptos para o serviço*, havendo companhias que, por occa-

sião da formatura da retrete, só apresentam quatro soldados na fórma.

Crêmos que são demais ainda. Dentro em pouco ficará só a officialidade e a charanga.

Não se illudam, porém, com isto os nossos cubiçosos visinhos. O snr. Fontes não é tolo nenhum, e nós já ouvimos boquejar o seu terrível plano. Eil-o ahi vai debaixo de todo o segredo :

S. ex.^a o nobre ministro, sempre tactico e técnico, acabando com a milicia nacional, recebe por todos os paquetes, das mais acreditadas fabricas da Allemanha, successivos corpos de exercito armados, equipados e promptos.

Um dia o hespanhol, cançado de conspirar em familia, de se matar e saquiar, volta-se para nós e diz :

— Matemos e saquemos o nosso visinho !

E entra de roldão em terra portugueza, violando a raia.

Ó desgraçado, que tal fizeste! ?—Immediatamente o snr. ministro da guerra manda desencaixotar a sua tropa, e apresenta em menos de duas horas, fazendo face ao petulante inimigo um formidavel exercito de meio milhão—de soldadinhos de chumbo !

Desnecessario será accrescentar que o hespanhol retirará em vergonhosa debandada.

Mas isto por emquanto é segredo do governo e nosso, e por isso rogamos encarecidamente aos leitores d'esta pequena obra que o não communicem a suas ex.^{mas} esposas.

Veremos no que param as modas.

No congresso hespanhol foi apresentada uma proposta digna da indole pacifica e bonacheirona d'aquelle povo, sempre inclinado aos sentimentos brandos.

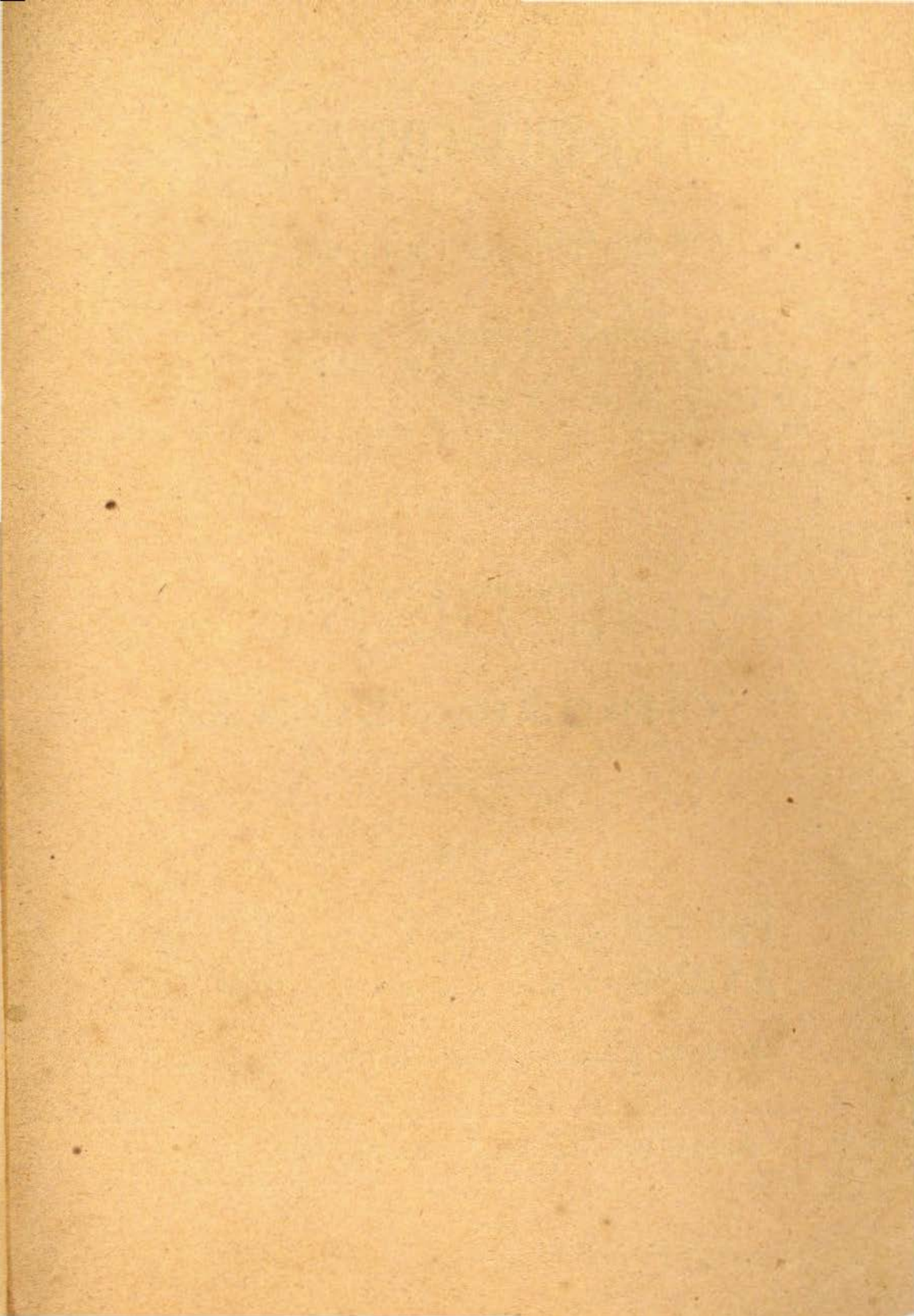
Essa proposta rezava assim:

Art. unico, § unico — Todo o conspirador será fusilado.

Ora como em Hespanha, segundo a ultima estatistica, ha mais conspiradores do que hespanhoes, — porque para lá até se importam sem direitos, como n'outras partes succede com os generos de primeira necessidade, — é natural que, posto em execução o tal art. unico, § unico, ao cabo de 15 annos não haja um só conspirador em Hespanha, bem como tambem um só hespanhol.

Era até muito de crer que a execução da lei começasse pelo auctor do humanitario projecto.

Infelizmente o novo appendice legislativo não teve a sancção do congresso, — o que tem feito suspeitar a muita gente que a Hespanha degenera. Pobre Hespanha!



LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS

N'esta livraria encontram-se á venda todas as obras publicadas pela casa editora de **MATTOS MOREIRA & C.^a** de Lisboa, de que é succursal, bem como todos os compendios d'aula e grande variedade de livros francezes.

ARTIGÕES

CHRONICA DO MEZ

PREÇO

Por assignatura . . .	120 réis
Avulso	180 réis

Para as provincias accresce o porte do correio.